

A ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS...

A Encomendação das Almas é um ritual muito antigo do culto dos mortos, cuja origem se presume remontar ao século X, praticado no tempo dos Santos (Noite dos Finados, Noite das Bruxas ou Halloween) e na Quaresma, realizado por grupos de pessoas que se reúnem à noite, geralmente com as cabeças cobertas por panos brancos, para cantar e rezar pelas almas do Purgatório e pelas dos que, ainda vivos, já se encontram em agonias de morte.

No ritual, a Encomendação apela aos que escutam para se recordarem das almas dos que já não são vivos.

Na atualidade, a Encomendação das Almas tem sido revitalizada em várias localidades.

Em Portugal, o rito é praticado desde a Alta Idade Média. No Brasil, o ritual começou a ser difundido pelos jesuítas, por volta do século XVI, sobrevivendo em algumas regiões interiores do país, principalmente em cidades mineiras.

Os instrumentos musicais utilizados durante a Encomendação das Almas, em geral apresentam características peculiares como o adufe (espécie de pandeiro artesanal), a rabeca, o violão e a matraca, que é muito usada em procissões católicas.

Os participantes entoam cantos de forma espontânea, pedem orações pelas almas dos pecadores no Purgatório.

Uma grande curiosidade deste ritual: as portas e janelas das casas devem ser mantidas fechadas, as luzes, apagadas e as pessoas devem rezar as orações solicitadas pelos encomendadores.

Segundo a lenda deste ritual, quem não segue as recomendações dos rezadeiros, vê as almas que acompanham a procissão. Quem participa desta procissão também é proibido de olhar para trás, justamente para evitar encontrar com as almas que os seguem.

Dentro das tradições, as Encomendações acontecem sempre durante a noite.

Na Noite dos Finados, Noite das Bruxas ou Halloween, o ritual tem outras variantes como, por exemplo, o Pão-por-Deus.

○ **Pão-por-Deus** é um peditório ritual feito por crianças, embora antigamente participassem também os pobres, associado às práticas relacionadas com as refeições ceremoniais do culto dos mortos "Dia dos Finados". Na Galiza o peditório tem o nome de migallo (migallo).

O peditório do Pão-por-Deus, está associado ao antigo costume que se tinha de oferecer pão, bolos, vinho e outros alimentos aos defuntos. Era costume *"durante o ano, nos domingos e dias festivos se offerecerem por devoção picheis, ou frascos de vinho, e certos pães, que põe em uma toalha estendida sobre a sepultura do defunto, e uma vela acesa."* Também se colocava pão, vinho e dinheiro no caixão do defunto para a viagem.

No Cânone LXIX do II Concílio de Braga do ano 572, proibia-se que se levassem alimentos à tumba.

Os peditórios para as almas realizam-se ao longo do ano, em Janeiro pelos caretos, durante a quaresma canta-se às almas santas e faz-se um peditório (pedir as janeirinhas, pedir as maias, pedir os reizinhos são peditórios que, tal como os dos caretos, se inserem no ciclo dos peditórios rituais que têm lugar ao longo do ano) como o do "andador de almas", que pedia esmolas pelas almas. Nos Açores, acreditava-se que uma alma podia azedar o pão. Para que tal não acontecesse, o pão da primeira fornada, "o pão das almas", era colocado numa cadeira na rua à porta de casa, coberto por um pano, para que a primeira pessoa que passasse o levasse para si ou o desse a alguém necessitado.

Em Portugal, no dia 1 de Novembro, Dia de Todos-os-Santos, as crianças saem à rua e juntam-se em pequenos bandos para pedir o Pão-por-Deus (ou o bolinho) de porta em porta. O dia de Pão-por-Deus, ou Dia dos Fiéis Defuntos, era o dia em que se repartia muito pão cozido pelos pobres.

Registado no século XV como o dia em que também se pagava um determinado foro: *"- Pagardes o dito foro em cada um ano em dia de pão por Deus"*.

Com o passar do tempo, o Pão-por-Deus sofreu algumas alterações, os meninos que batem de porta em porta podem receber dinheiro, rebuçados ou chocolates. Esta atividade é também realizada nos arredores de Lisboa. Antigamente relembrava a algumas pessoas o que aconteceu no dia 1 de Novembro de 1755, aquando do terramoto de Lisboa, em que as pessoas que viram todos os seus bens serem destruídos na catástrofe, tiveram que pedir "pão-por-deus" nas localidades que não tinham sofrido danos.

O pão-por-deus é o pão, ou oferenda, que se dá aos mortos, o Molete ou Samagaio (Sabatina, Raiva da criança) o pão, ou oferendas que se dá quando uma criança nasce.

Nesta data em Inglaterra pedia-se o *"soul cake"* (bolo das almas), que, supõe-se, terá dado origem à tradição do *trick or treat* nos Estados Unidos. Na Bretanha equivale ao rito do *"bara ann anaon"* (celta) ou pão dos mortos.

Depois do peditório há o alimentar os mortos, e o chamado "lenho das almas", "lenha das almas" ou "pau das almas".

A lenha é recolhida ou roubada num ritual em que participam os jovens solteiros e depois é leiloada ou vendida em hasta pública no largo das aldeias.

O Canhoto dos Santos

O "canhoto" ou "fogueira dos santos" é aceso no adro da igreja ou no terreiro e à volta do fogo a população bebe vinho e come castanhas, no tradicional "magusto dos santos" quase em silêncio.

• O Magusto dos Santos

Segundo Leite de Vasconcelos, na noite de Todos os Santos, em alguns lugares é tradição preparar, à meia-noite, uma mesa com castanhas para os mortos da família irem comer; ninguém mais tocava nas castanhas porque se dizia que estavam "babadas dos defuntos".

É também costume deixar um lugar vago à mesa para o morto ou deixar a mesa cheia de iguarias toda a noite da consoada para as "alminhas".

Já na Consoada, as almas vão comer as iguarias postas num prato fora de casa com uma luz ao lado para as alumiar. Aparecem na forma de borboletas: brancas se estão em bom lugar, pretas se estão em mau lugar.

Património Imaterial português

"A progressiva implantação do Halloween em Portugal constitui um exemplo de ameaça ou risco à continuidade do "Pão-por-Deus" como manifestação do Património Imaterial português, por várias razões. Em primeiro lugar, substitui os versos tradicionais, manifestações da tradição oral da comunidade, por expressões orais originárias do Inglês ("Doçura ou travessura!" / "Trick or treat!"). Em segundo lugar, introduz neste peditório ceremonial infantil o uso de máscaras e fatos muito semelhantes às usadas no Carnaval, mas que tradicionalmente eram totalmente ausentes por "Pão-por-Deus". Finalmente, e como bem expressam as alterações do nome da tradição, da forma e conteúdo da tradição oral, e também o tipo de máscaras que passaram a ser utilizadas pelas crianças, a introdução do "Halloween" eliminou por completo as conotações religiosas muito presentes na antiga tradição do "Pão-por-Deus"."

Procissão das Almas

No norte de Portugal, sobretudo no Minho, há uma crença antiga. Contam muitos, maioritariamente os mais velhos, que uma procissão de mortos ou de almas penadas é feita pela noite. O objectivo? Visitar casas onde, em breve, alguém irá morrer.

Nas noites de São João e do Samhain, exércitos de mortos caminham atrás de um vivo. Nessa altura, os bosques calam-se, os gatos fogem, os cães uivam como lobos. Para os minhotos, é o anúncio da morte, que irá bater à porta de alguém que conhecem, se não for mesmo deles próprios.

Procissão das Almas, a Santa Compañía galega

A crença numa procissão de defuntos é comum a outras áreas nortenhais de Espanha. A Galiza chama-a Santa Compañía. Mas também as Astúrias, assumindo a designação de *Güestía* ou *Hoste*, que a adopta, a par com a província de Leão. Curioso é notar que há testemunhos de visões muito semelhantes em províncias improváveis, como o Algarve ou a Extremadura espanhola. E no Brasil, através da colonização, ganhou contornos distintos que iremos falar mais à frente.

Apesar de divergirem em certos detalhes, partilham a essência: a ideia da morte ir visitar ou recrutar alguém que num futuro próximo morrerá.

Há dezenas de variantes, mas para simplificar, vamos focar-nos naquilo que mais é contado.

Na versão galaica, isto é, galega e portuguesa, os mortos, portando círios nas mãos e andando descalços, com capotes a cobrirem todo o seu corpo, seguem atrás de alguém ainda vivo, carregando este último um crucifixo e água benta, e não podendo esse virar-se ou olhar para trás. A procissão é feita quando a noite já está vincada, não havendo nesga de sol, mesmo que enfraquecida. Normalmente, os fantasmas seguem alinhados em duas filas, e atravessam bosques cerrados onde o silêncio, por si só, já mete medo que baste.

O vivo será homem ou mulher, dependendo se o orago da paróquia é santo ou santa, e poderá entregar o seu azarado papel de *líder* dos mortos a outro, desde que lhe passe a cruz e a água benta. Quem quiser livrar-se deste fardo, terá de desenhar um círculo amarelo no chão e pôr-se lá no meio, deitado, e sem fisgar nenhum dos mortos que passe por ele.

Esta horda fantasmagórica entra nos lares das aldeias, e cada visita significa a morte futura de alguém que lá more. Há ainda quem diga que, em vez de casas, este anúncio do fim é feito a pessoas que são apanhadas em encruzilhadas – já aqui foi abordado o mistério que estes sítios, decorados com Cruzeiros, concentram. Seja qual for o cenário, uma coisa parece certa: a Procissão de Defuntos é o início do fim de alguém, e por isso é o terror para qualquer aldeão que tenha o infortúnio de a ver cruzar-se com ele.

A chegada da Santa Compaña pode ser antecipada. Ou por estranhas reacções de certos animais. Ou por um estranho cheiro a cera que invada, sem razão aparente, os ares de aldeias serranas. Ou por uma corrente de vento muito fria, demasiado fria para não se estranhar.



Desvios a esta versão existem sempre. Alguns falam de uma Santa Compaña diurna. Outros que os mortos não são mortos, mas sim fantasmas de gente viva, e que essa gente, no dia seguinte, não se lembra de nada do que lhe aconteceu no dia anterior, desfiando depois, dia após dia, até morrer.

Origem da Procissão dos Mortos

São muitos os antropólogos que ligam o fatalismo das finisterras da Ibéria à Procissão dos Mortos. Tal como se marcou a diferença entre céu e terra, estando o primeiro entregue às Deidades e às almas e o segundo ao Homem, também, quando o mundo além-mar era domínio do desconhecido, foi essa a visão do Homem na relação entre terra e oceano.



A divinização daquilo que não se conhecia era prática corrente, e mantém-se actual em muitos costumes hoje observados de norte a sul do país. Bastará ver todos os ritos que existem nos promontórios portugueses e galegos, como é o caso dos **Círios Estremenhos** ou do famoso **Caminho de Santiago**. Existe, na Galiza e em Portugal, um elo divino com o imenso Atlântico.

A crença numa vida para lá da morte é uma histórica parte das consciências humanas, e normalmente entregavam-se aos defuntos sítios inacessíveis aos vivos: o céu, na maior parte dos casos, mas igualmente o mar, pelo menos nas culturas do eixo Atlântico, dos confins dos ilhéus Escoceses às mais solarengas costas de Portugal. Tal como se assumia que as almas ascendiam aos céus, também essas poderiam transgredir a barreira terra-mar e entrar num outro domínio da vida além-morte. Essa passagem para o outro lado pode, inclusivamente, ser confirmada noutras culturas europeias, de certa forma parentes da celta, como é o caso da nórdica, bem visível nos seus barcos funerários.

É nesse sentido que, de acordo com alguns estudiosos, se criou a ideia de, nestes ermos tão perto da infinitude Atlântica, fantasmas de pessoas recentemente falecidas fazerem o seu caminho até ao seu *paraíso*, que aqui seria o mar. Nessa óptica, os espíritos dos defuntos aguardariam no continente pelo dia em que seriam *libertos* da terra, o que acontecia no Samhain, ou seja, no dia 31 de Outubro – dia que marca a passagem de ano celta.

Esta ligação ao celticismo tem ainda mais sentido quando relacionamos a Santa Compaña com certos episódios da mitologia de nações tidas como celtas.

No País de Gales, por exemplo, são famosos os cães que anunciam a morte, com os seus uivos e latidos muito altos quando ao longe, e mais baixos quando ao perto – chamam-nos os *Hounds of Annwn*, autênticos cães da morte.

Na Bretanha francesa, província conhecida pela seu profunda cultura celta, há a figura mitológica de nome *Ankou* – uma personificação da morte que coleciona as almas penadas

Na Irlanda, uma outra premonição da morte dá pelo título de Banshee (derivação do gaélico *bean sí*, que traduzido dá qualquer coisa como a *mulher-fada*), e fá-lo a gritar boca fora.

Mais tarde, em épocas medievais, documentou-se a Santa Compaña num contexto já cristianizado, ligada a certos dogmas que, até para a Igreja eram, à altura, controversos, como o da existência do Purgatório. Outras provas de como o clero quis aproveitar este folclore pagão podem ser encontradas em gestos simples, como aqueles que, conta-se, se fazem para evitar ser abordado pela Procissão de Fantasmas: fazer-se a bênção com as mãos ou tocar num cruzeiro quando se vê ela a passar diante dos nossos olhos.

Os dias da Santa Compaña

Normalmente, os testemunhos de avistamentos da Santa Compaña dão-se em dois dias específicos. Ou antes, duas noites. Datas mágicas que, de ano para ano, a Europa celebra: a noite de São João (isto é, a de Solstício de Verão) e sobretudo a noite anterior ao Dia de Todos os Santos (ou seja, a de Samhain ou, numa forma comercial, a de Halloween ou Noite das Bruxas).

A escolha destes *percalços* de calendário não vem ao acaso. Se na segunda, como sabemos, há todo um enredo em torno da ideia do mundo da morte vir à superfície dos vivos, para os perturbar nesse *tempo ausente* que é a passagem de 31 de Outubro para 1 de Novembro, na primeira vive-se igualmente uma passagem dimensional, de cunho solar, tão bem representada pelo São João do Porto. Contudo, há que lembrar que estas duas noites não detêm a exclusividade no que toca ao aparecimento da Santa Compaña. Vários testemunhos dão nota de aparições em dias vulgares, sem qualquer simbolismo, pelo menos que se conheça.

Curioso é notar o caso brasileiro. Em algumas regiões do Brasil, a Procissão dos Mortos é celebrada na Páscoa, o que poderá ter o seu sentido. Se por cá, no hemisfério norte, a Procissão de Defuntos é feita quando entramos no lado lunar do ano (isto é, o período em que as noites se tornam mais longas que os dias), é normal que a transição para o hemisfério sul aconteça numa data simétrica – e a Ressurreição, acontecendo normalmente no mês de Abril, calha precisamente na altura em que o Brasil vira a página para entrar na fase das noites maiores que os dias. Podemos assim dizer que, neste caso específico, a tradução de uma festividade portuguesa para o lado brasileiro foi feita mantendo o seu valor simbólico original – ao contrário do Carnaval, que é uma festa da chegada da Primavera e que no Brasil é festejada à entrada do Outono.



Uma crença do passado?

Desengane-se quem pensa que as Procissões de Defuntos eram *acreditares* da Idade das Trevas, extravagâncias de gerações ignorantes, e que hoje já pouco mais são do que ecos medievalescos etiquetados como folclore.

Ainda há muito pouco tempo, através de um amigo de Castro Laboreiro (o quinhão de terra habitada mais alto do Alto Minho), ouvi uma história muito similar e que vai buscar muito às Santas Compañas galegas. Esses fantasmas castrejos, em tudo relacionados com aqueles que falamos aqui, darão seguramente um outro texto futuro.

Em Pontevedra, na Galiza, há um famoso *graffiti* (imagem em cima) que ilustra em parede urbana o que é, ou como se conta ser, uma Procissão de Mortos. Só mostra o quão actual ainda está no subconsciente das gentes do norte ibérico, Portugal incluído.

Joaquim Fernandes, no seu livro “Portugal Insólito”, escreve-nos o testemunho de uma mulher cujo marido, portuense, assistiu à passagem de uma Santa Compaña em Riba de Áncora, no concelho de Caminha, e que ainda hoje tem medo de falar do assunto. O relato é da década de noventa do século XX.

Reportagens feitas aqui ao lado, em Espanha, dão conta de histórias relacionadas com familiares que morreram depois de afirmarem ter assistido à passagem de uma fila de finados.

Resumindo, a Procissão dos Mortos não é coisa de um passado remoto, entretanto trazida para um presente marcado pelo ceticismo. Ela é mesmo parte de um consciente colectivo, temido por muitos, mesmo por gente mais impermeável a fenómenos sobrenaturais.

Mas que las hay, las hay.

Assim, a Santa Campanha é tradicionalmente descrita como uma procissão de mortos ou almas em pena (almas penadas) que à noite percorre os caminhos duma paróquia transportando círios, sendo o cheiro à cera o primeiro sinal de que a Santa Campanha anda perto.

A sua missão é visitar todas aquelas casas nas quais pronto haverá um passamento (morte).

O nome poderia provir do latim "*sancta cum pania*" ('santa companhia', embora uma tradução mais literal seria, "que comem do mesmo pão").

A procissão costuma ir encabeçada por um vivo transportando uma cruz e um caldeiro de água benta, seguido pelas almas com os círios acesos, nem sempre visíveis, notando-se a sua presença no cheiro à cera e no vento que se ergue quando passa.

Esta pessoa viva que precede a procissão, pode ser homem ou mulher, dependendo de se o orago da paróquia for respectivamente santo ou santa.

O portador da cruz não voltará a cabeça em nenhum momento nem renunciará aos seus cargos precedendo a Santa Companha. Só ficará livre quando encontrar outra pessoa pelo caminho a quem entregar a cruz e o caldeiro, momento no qual esta passará a substituí-lo.

Para se escapulir desta obriga de substituição, a pessoa que veja passar a Santa Companha deve traçar um círculo no chão e deitar-se de boca para baixo, sem olhar para nenhum espírito.

A pessoa que leva a cruz e o caldeiro, a cada passo adelgaça mais e vai ficando mais branco até que possa ceder o caldeiro a outro.

Embora todas as versões coincidissem em considerar a Santa Companha como uma anunciadora da morte, há diferentes versões.

Na maioria das histórias a Santa Companha realiza a suas aparições à noite. Porém, há também relatos de saídas diurnas.

Xoán Cuveiro Piñol escreve: “*Companha: entre o vulgo, crida hoste ou procissão de bruxas que andam à noite alumadas com ossos de mortos, chamando nas portas para que as acompanhem, os que desejam que morram depressa...*”.

Existe, dentro das crenças galegas, outra procissão chamada de "Procissão das Xás", muito semelhante à Santa Compaña, mas que se diferencia desta por não serem fantasmas de mortos os que vão nela, mas sim fantasmas de indivíduos vivos, que não lembram nada o dia seguinte e que vão enfraquecendo até falecer.

É análoga à lenda irlandesa de Banshee e à bretã de Ankou.

FESTA DA CABRA E DO CANHOTO



Introdução

Vamos lá começar isto pelo princípio: o Halloween não é americano. A Festa da Cabra e do Canhoto é só um dos exemplos que podemos dar como prova disso. Mas há centenas e centenas de outros, espalhados pela Europa, mas sobretudo na sua costa ocidental, onde a invasão ou influência celta foi mais marcante.

Origem da Cabra e do Canhoto

O que hoje sobra da passagem de 31 de Outubro para 1 de Novembro, e a que agora damos o nome de Halloween (que, muito provavelmente, resulta da contracção do inglês All-Hallows Eve, isto é, a véspera do dia de Todos os Santos ou do Celta Samhain, isto é, a passagem da estação quente para a estação fria), é um produto que foi na bagagem da emigração irlandesa para os Estados Unidos e por lá estagiou até ganhar esta componente comercial que lhe deu a corrente imagem de marca, agora reimportada para o Velho Continente, aquele que, na verdade, é o que está na sua origem.

Escapando à polémica que o termo *celta* envolve, quer em termos históricos, quer em termos etnográficos, é indubitável que por aqui (e por *aqui*, leia-se pelo ocidente ibérico) passaram tribos pré-romanas que, ou foram de facto celtas, ou foram pelo menos celtizadas, isto é, absorveram parte substancial da cultura destes. E esses aglomerados de gente que partilhavam costumes comuns tinham, como nós, manifestações de religiosidade para com lugares sagrados ou, de outra forma, para com datas sagradas. E isso justifica que nesta altura, no dia 31 de Outubro do actual calendário, sendo mais específico, se festejasse uma passagem de ano. Esta passagem de ano não era mais do que um antigo resquício celta: acreditavam eles que o ano se dividia em estação da noite (e do frio) e estação do dia (e do calor). O último dia de Outubro registava, assim, o final da época das colheitas e o início da época em que a natureza morre, e o facto de os mortos serem homenageados em todo o país no Dia de Todos os Santos não é pura coincidência.

Tradições da Cabra e do Canhoto

Assim, e tendo em conta que da noite de 31 de Outubro para 1 de Novembro estávamos na presença de um *tempo de ninguém*, tudo poderia acontecer, inclusivamente a vinda dos mortos à terra para destruir colheitas e espalhar o medo. Simbolicamente, a vinda dos mortos está relacionada com a chegada do ciclo morto da natureza. E é nesse contexto que falamos da Festa da Cabra e do Canhoto, a acontecer nesta precisa data, em Cidões (Vilar de Peregrinos, Vinhais), na província de Trás-os-Montes.

Reza a tradição que se deve queimar o canhoto, ou de outra forma, um grande tronco (normalmente de carvalho = sabedoria = druida = celta), numa fogueira gigante, fogueira essa que será aproveitada para cozinhar a cabra, antes esfolada no concelho de Vinhais. Os nomes do *canhoto* e da *cabra* não vêm do acaso. Ambos estes termos estão associados ao demoníaco, ao *outro lado* – os homens com pés de cabra, por exemplo, são, em infinitas lendas europeias, uma forma de reconhecermos o diabo escondido em forma humana.

A cabra é acompanhada de queimada celta (ou queimada galega, para adoptar uma denominação mais comum), café em pote ou ulhaque (bebida típica da povoação). Fazendo jus ao *tempo onde tudo é válido*, como acontece no Carnaval, que por sua vez celebra a chegada da Primavera, aos rapazes de Cidões são permitidas todas as tropelias, como se de Caretos estivéssemos a falar – roubam objectos de varandas da aldeia, viram carros e carroças do avesso, atropelam raparigas. Chega mais tarde o Diabo, numa charrua puxada pelas gentes da terra, bem audível no chiar que o seu andar provoca.

A Festa da Cabra e do Canhoto é já uma pequena pérola turística, ainda pouco dada a grandes massas, sobretudo pela distância que a aldeia tem dos grandes centros urbanos portugueses. Há concertos a acompanhar uma noite que se faz de medos. E é de aproveitar. Afinal, a partir daqui entramos no mundo escuro. Um mundo que só se volta a aclarar quando o Carnaval dá de si, quase meio ano depois.

A ENCOMENDAÇÃO DAS ALMAS...

1. *Acorda, ó pecador, acorda,*

Acorda e não durmas mais

Olha que se estão queixando

As almas dos vossos pais.

2. *Acorda, ó pecador, acorda,*

É o teu pai que está dizendo:

- Filho, lembra-te de mim,

E para o que andas fazendo.

3. *Acorda, ó pecador, acorda,*

Lembra-te que hás-de morrer

E hás-de dar contas a Deus

Do teu bom ou mau viver.

4. *Acorda, ó pecador, acorda,*

Desse sono tão profundo

Tem cuidado não amanheças

Acordando no outro mundo.

5. *Acorda, ó pecador, acorda,*

Abre bem os teus ouvidos.

E ouvirás no Purgatório

Muitos gritos e gemidos.

6. *Acorda, ó pecador, acorda,*

Desse sono tão pesado

Tem cuidado não despertes

No Inferno atormentado.

Todos: Acordai, pecadores, acordai,

Desse sono em que estais

E rezai agora um Pai Nossa

Pelas almas dos vossos pais.

Ajoelha-te, pecador, ajoelha-te,

Já não serás o primeiro.

Na nossa companhia trazemos

Jesus Cristo verdadeiro.

Ó almas, que estais por aí

E as que estão no Purgatório ardendo,

Crístãos, ajudai as almas

Que elas estão padecendo.

Almas santas de Jesus

Que já fostes como nós,

Pedi por nós a Jesus,

Como nós pedimos por vós.

(Recolha e Adaptação por Manuel J. F. Pinto, em 31-10-2018)